

ARQUIVOLOGIA: MEMÓRIAS DE UMA CIÊNCIA ENTREVISTA COM HELOÍSA LIBERALLI BELLOTTO

Neire do Rossio Martins¹

Brenda Rocco²

A entrevista foi produzida no âmbito do projeto de extensão intitulado Arquivologia: memórias de uma ciência, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), coordenado pela Professora Brenda Rocco. Ele tem como objetivo desenvolver uma atividade de produção de fontes e referências por meio da História Oral voltado para os atores sociais que construíram e ainda compõem o cenário da Arquivologia no Brasil, a fim de

¹ Possui graduação em Biblioteconomia e Especialização em Planejamento e Administração de Sistema de Informação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1982,1989), Especialização em Organização de Arquivos pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (1987), Mestra em Educação, na área de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte - programa Memória, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (2012). Atuou na Universidade Estadual de Campinas tendo instalado e coordenado o Sistema de Arquivos (SIARQ-UNICAMP), 1995-2019.

² Possui graduação em Arquivologia pela Universidade Federal Fluminense (2004), especialização em Gestão Estratégica pela Universidade Candido Mendes (2007), mestrado e doutorado em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação IBICT-UFRJ. Atualmente é Professora Adjunta do Departamento de Arquivologia (DEPA) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO.

“reconstruir” a memória de tal área do conhecimento. Criar as fontes por meio de entrevistas mostrou-se fundamental, em virtude de resgatar nessas informações acerca da área, que, encontram-se na memória de quem vivenciou os atos e desenvolvimento da Arquivologia brasileira, não estando disponíveis ou registradas em quaisquer documentos ou livros.

Heloísa Liberalli Bellotto foi identificada como uma profissional de destaque, em virtude de sua história e participação na consolidação da Arquivologia no Brasil, sendo convidada a ser uma das entrevistadas no projeto.

Para facilitar a coleta do depoimento de Heloísa Liberalli Bellotto, a coordenação do Projeto, solicitou o apoio da equipe do Arquivo Central do Sistema de Arquivos da Universidade Estadual de Campinas. Participaram Neire do Rossio Martins, que fez os contatos e conduziu a entrevista, Telma Murari, que se encarregou da produção e Rodrigo Lizardi, como operador de vídeo e de fotografia. Heloísa recebeu com antecedência o convite e o roteiro pré-determinado pelo projeto e concordou com a gravação em vídeo, pedindo para que fosse uma conversa, para se sentir mais à vontade.

IMAGEM 1 - Equipe responsável pela entrevista e Heloísa Bellotto



A entrevista foi realizada no dia 19 de abril de 2019, na residência da professora Heloísa, em São Paulo.

A entrevista seguiu um curso livre, atendendo, sempre que possível, os contornos do roteiro, pois falar sobre aspectos da história da Arquivologia no Brasil despertou em Heloísa, naturalmente, muitas lembranças de pessoas com quem vivenciou e de suas experiências nos vários lugares e instituições por onde atuou, sobretudo, a entrevista a fez rememorar a sua trajetória de vida e a construção de sua carreira profissional.

A transcrição correu por conta da equipe do projeto: Jéssica Moraes (bolsista), Bianca C. Brito (colaboradora) e Brenda Rocco e revisada por Telma Murare e Neire Martins, antes de seguir para Bellotto finalizar e aprovar.

Heloísa fez intervenções e acréscimos que considerou pertinentes aos objetivos do projeto, reescrevendo vários pontos de sua fala. A seguir será apresentada essa última versão, aprovada para publicação, por sua filha Livia Bellotto, em 2023.

IMAGEM 2 - Neire Martins e Heloísa Bellotto





Neire: Essa entrevista com Heloísa Liberalli Bellotto está no contexto do projeto de extensão da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro [UNIRIO], denominado “Arquivologia: memórias de uma ciência”, coordenado pela docente Brenda Couto de Britto Rocco, do Departamento de Arquivologia.

Professora Heloísa... A gente vai seguir um roteiro que lhe foi apresentado e a entrevista transcrita passará por sua análise para ser encaminhada para publicação. Gostaria que fizesse um pequeno resumo da sua origem, de onde nasceu, seus pais, onde estudou, rapidamente, mais para...

Heloísa: Para começar...

Neire: Quero deixar claro aqui que, de acordo com a Brenda, nós vamos tirar essa parte mais pessoal também de outras entrevistas que você já deu e talvez aqui a gente vá dar um enfoque para sua principal área de atuação que é a Arquivologia. Embora essa seja uma entrevista de história de vida, acho que história de vida completa precisaria de muito mais tempo e como você já deu várias entrevistas... Então, por favor, a palavra é sua...

Heloísa: A gente começa pelo nascimento, não é? Eu nasci no Rio de Janeiro, no dia 23 de fevereiro de 1935 e aí fiz meus primeiros estudos. Meu pai foi convidado a trabalhar em São Paulo e então a família mudou para cá. Onde terminei o curso primário como então se chamava o ensino fundamental. Seguiam-se o curso ginásial e o colegial científico. Sempre me interessei-me muito por História e por Geografia. E foi esse o curso universitário pelo qual iria optar no vestibular, mas naquele ano de 1956, era o primeiro ano da separação e eu acabei optando por História. Mas um ano antes, meus documentos para inscrição no vestibular na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo não chegaram a tempo do Rio de Janeiro. e não pude fazer logo a matrícula pro vestibular. Eu teria de esperar um ano e meu pai aconselhou-me fazer o vestibular da Biblioteconomia, que ainda estava em tempo, já que eu gostava tanto de lidar com eles nas bibliotecas que tínhamos em casa. Naquele tempo o único curso que tinha em São Paulo era da Escola de Sociologia e Política, atual FESP, né!?



Então eu fui fazer Biblioteconomia e naquele tempo era em dois anos. Quando eu entrei na História no ano seguinte, acumulei...

E nisso de ter acumulado meus primeiros estudos de História com Biblioteconomia, e nessa eu ter visto o quanto me interessei por Paleografia, disciplina que também tive no curso de História, surge à curiosidade e o gosto pelos documentos. E os professores de História começaram a falar muito em arquivo, mas arquivo sempre acaba sendo um lugar meio misterioso para o aluno, não é? Tínhamos a ideia de um lugar de papéis antigos, isto porque os professores eram de História, eles não falavam o que hoje muita gente sabe que o nenhum arquivo nasce histórico. Ele é parte de uma instituição, de uma empresa, de um órgão público ou é de uma pessoa, que vão acumulando documentos probativos das suas atividades, de sua vida. Então o documento de arquivo, que um dia foi criado e usado por determinada razão e depois foi encaminhado ao arquivamento. Mas isso, naqueles primeiros tempos de alunos de História, a gente só pensava nos documentos antigos, arquivo era lugar de documentos muito antigos.

Mas eu acabei me formando em História e comecei com a carreira que todos nós começávamos a de professor de História no ensino secundário. Depois, em 1964, acompanhando meu marido, Manoel Lelo Bellotto, que fora convidado para professor de História da América no Departamento de História no campus de Assis da UNESP, acabei por ser convidada para preencher a vaga que havia em História Antiga: dava aula de História Grega e História Romana. Em 1967 cheguei a fazer concurso público, escolhi cadeira de História em Cândido Mota, cidade perto de Assis, acumulando com a universidade, onde eu trabalhava em tempo parcial. Foi uma experiência curta, (pedi demissão em 1968), porém interessante e um tanto complicada: pela manhã eu dava História nas primeira e segunda séries do então curso ginásial. Imagine explicar a Antiguidade, falar em Egito, Grécia e Roma como pedia o currículo escolar para meninos numa cidade pequena como Cândido Mota, para os meninos que trabalhavam na lavoura, era um mundo totalmente inimaginável para eles... Era muito difícil, naquele tempo a gente não tinha os recursos da informática, os professores desenhavam, levavam cartazes, os meninos faziam representações teatrais... Imagine de manhã eu



dava aula para aqueles adolescentes, alguns até se interessavam e a tarde dava aula na Faculdade, para cujos alunos também não era fácil compreender aquela História tão distante no tempo e no lugar: Grécia de Roma...

Então, foi de 1964 a 1969 meu tempo de UNESP, sendo que em 1967 eu deixei as aulas de História Antiga e passei a uma disciplina vinda da Biblioteconomia e pioneira em faculdades de Filosofia: Bibliografia e Referência e, na verdade, era mais de acordo com meu gosto e formação. Sua finalidade era a de ensinar e treinar os alunos dos cursos que, em Assis eram naquela época, os de Letras, História e de Filosofia, como, onde e porquê buscar e usar obras de referência gerais e as de suas respectivas áreas, como fazer citação bibliográfica de acordo com exemplos internacionais e normas da ABNT. Mas, há um hiato nessa narrativa: é que, no primeiro semestre de 1968, pedi uma licença sem vencimentos na universidade, demiti-me do ensino médio para, com filhos e sogra, acompanhar meu marido que tinha uma bolsa de estudos e fazia pesquisas para seu doutorado em Espanha e Portugal. Assim, por conta própria, acabei fazendo meus primeiros estágios internacionais em torno justamente daquela disciplina, o que justificava meu afastamento, mesmo que sem vencimentos. Primeiro em Paris, de fevereiro a abril na redação do Bulletin Signalétique, que indexava resumos de obras recém-publicadas nas várias áreas científicas como uma das atividades do Centro de Documentação do CNRS (Conseil Internationale de la Recherche Scientifique). Fui designada para estagiar em Física, Matemática e Filosofia, pois ali o que contava era ser bibliotecária e não historiadora, portanto apta a fazer resumos e índices em geral. Neste estágio, eu devia conversar com os indexadores, em geral, profissionais aposentados daquelas áreas, entender seus métodos de trabalho, tirar dúvidas, observar originais e seus resumos etc. Enfim, treinar e praticar naquilo que eu já aprendera no meu curso de Biblioteconomia - fazer resenhas de livros e de artigos científicos. Ainda que o estágio fosse ciências puras e exatas, as técnicas eram aplicáveis à minha área de hoje - a das ciências humanas, especialmente as históricas e as da informação. Tomei muito gosto por fazer resenhas de livros, até hoje. Já publiquei mais de 80... O outro estágio de 1968 foi em Madri, ainda dentro da Biblioteconomia, em duas versões, na Biblioteca Nacional de Espanha. A primeira, na Seção de periódicos e a segunda, no Serviço Nacional de



Informação Documental e Bibliográfica, para aperfeiçoamento no serviço de referência, isto é, na orientação dos usuários diante de suas indagações de pesquisa. No meu retorno ao Brasil, aliás um tempo de profunda renovação em todo mundo, no segundo semestre de 1968, em consequência dos movimentos de descontentamento estudantil em Paris (sim, eu estava lá). Também no campus da UNESP de Assis, alunos e professores movimentaram-se em debates, cursos, palestras, seminários relativos aos novos rumos acadêmicos. Eu, então com toda essa bagagem de fora e daqui procurei um novo rumo para meu trabalho.

Em inícios de 1969 apareceu aqui em São Paulo na USP, no Instituto de Estudos Brasileiros, que havia sido fundado em 1963 e que estava constituindo seu corpo de pesquisadores, um concurso para a área de História. Via-se, pelas exigências do concurso que eu teria preparo para o cargo de Historiógrafo, porque este seria pesquisador da área, não professor. E eu, como tivera, além do curso de História, toda aquela formação em Biblioteconomia, e o aperfeiçoamento na Europa, via pelos editais do concurso que caberia também ao historiógrafo contribuir na orientação aos usuários da biblioteca e do arquivo, assim como trabalhar com o arquivo e preparar levantamentos bibliográficos e trabalhos historiográficos que fossem exigências do Instituto. Enfim, teria uma carreira de pesquisador de história. Eu achei interessante, vim fazer o concurso e passei e assim entrei na USP em agosto de 69 como historiógrafa.

Alguns anos depois, em 1972, a parte burocrática-administrativa da USP realizou mudanças na estrutura dos chamados institutos especializados, e passamos todos os pesquisadores, fossem os de História, como era o meu caso, os de literatura e os de Artes a serem não mais historiógrafos e sim pesquisadores das respectivas áreas e com direitos e deveres iguais aos dos professores. dentre os quais se incluía o IEB. Assim, teríamos que seguir carreira de professor, obrigando-nos ao mestrado e doutorado. Mas os orientadores tinham (e têm) autoridade para dispensar de mestrado quem já tivesse suficiente experiência em pesquisa e já tivesse suficiente produção de publicações e em ensino superior. Assim fui direto para meu doutorado em História, com tese defendida em 1976.



Antes de assumir no IEB, acabei sendo convidada a dar aulas de Biblioteconomia na Fundação Escola de Sociologia de São Paulo, então o único curso de Biblioteconomia em São Paulo, e depois, pude acumular com o IEB as aulas de Bibliografia e Referência na Biblioteconomia da Escola de Comunicações e Artes da USP. Em 1972 iniciei meu curso de Pós-Graduação em História na FFLCH da USP, interessando-me mais por história colonial luso brasileira, em especial, no século XVIII. Eu ajudara meu marido, Manoel Lelo Bellotto, que era professor de História da América, na sua pesquisa de doutorado, cujo tema era o Correio Marítimo no século XVIII entre Espanha e o Vice-Reinado do Prata, e eu ajudei muito, trabalhei muito com ele na pesquisa, tanto em Sevilha quanto em Buenos Aires, e acabei me fascinando pelas grandes transformações pelas quais passavam na época tanto a administração do império espanhol como do império português, levando-me à preferência por História Colonial Brasileira no meu doutorado.

Eu tinha facilidade de ler documentos do século XVIII porque, justamente, eu gostava muito da disciplina de Paleografia, tanto no curso de Biblioteconomia como no de História. Então, resolvi que na pós-graduação em História, eu iria escolher tema do século XVIII sendo já historiógrafa do IEB, teria de ser em assunto naturalmente em história colonial luso-brasileira, que já era mesmo área de meu interesse. A professora Maria Tereza Petroni do Departamento de História da FFLCH foi a orientadora que escolhi para o meu doutorado (pulei o mestrado com a concordância dela, já que eu já tinha trabalhos publicados, já lecionara no curso superior e já tinha a prática de pesquisa que o mestrado proporciona). E a escolhi porque na sua disciplina na Pós sobre a introdução do cultivo da cana-de-açúcar, que teve importante papel no reerguimento da Capitania de São Paulo na segunda metade do século XVIII, após o obscuro período de sua economia, terminado o ciclo das bandeiras. E neste curso eu então, tomei conhecimento do governo de Dom Luís Antonio de Souza Botelho Mourão, o Morgado de Mateus, que foi Governador e Capitão General de SP entre 1765 até 1772, que era um período pouco estudado e muito importante, pois esse governo acabou por preparar toda a quinada econômica e social que a capitania teve ao iniciar-se o século XIX. Em 1974 consegui uma bolsa de estudos do Ministério da Educação de Portugal e lá permaneci de março a outubro pesquisando em vários arquivos e bibliotecas dados



sobre a vida e atividades daquele Governador, antes e depois dos 12 anos em que permaneceu no Brasil. Em 76, me doutorei pela USP em História Social e Econômica, com a tese "Autoridade e conflito no Brasil colonial: o governo do Morgado de Mateus na Capitania de São Paulo (1765-1772)".

Quanto ao início do meu contato com a Arquivologia, quando ingressei no IEB o então diretor, Professor José Aderaldo Castello, por ser eu formada em História e Biblioteconomia, achou que eu poderia encarregar-me do Arquivo...

Neire: do Instituto de Estudos Brasileiros...

Helóisa: Sim, o Instituto de Estudos Brasileiros da USP como toda instituição tem seu arquivo técnico-administrativo, o seu arquivo corrente, mas ele se referia ao arquivo cultural da instituição, que já há anos estava recebendo arquivos pessoais, de escritores, já lá estavam o de Graciliano Ramos, o de Yan de Almeida Prado, juntamente com biblioteca. E acabara de entrar o arquivo do Mário de Andrade, que, na verdade, teve sua organização atribuída ao Setor de Literatura. Isto porque o IEB tinha na época três Setores, Artes, História e Literatura. Eu era pesquisadora da área de História.

Éramos 4 e nós realizamos nossas pesquisas próprias, além das ligadas aos eventos que o IEB patrocinava. Eu também fazia resenhas para a revista do IEB, escrevia artigos para essa e outras revistas, conferências e comunicações para congressos, às vezes vinha pedido de entidades públicas da capital ou do interior para transcrevermos documentos. Assim, eu não tive participação na organização do arquivo do Mário de Andrade e nem dos outros escritores que estão lá. O que calhou, sim, para mim e mais duas historiógrafas do IEB foi realizar a descrição unitária dos documentos da Coleção Lamago, que era uma coleção de manuscritos originais, a maioria esmagadora do século XVIII, mas também alguns do XVI, XVII e XIX. E aí realmente encontrei dificuldade, porque os nossos conhecimentos de História e os meus também de Biblioteconomia não nos diziam nada sobre classificação e descrição de documentos. Eu tinha muita prática e gosto (que é o que mais gosto até hoje: ler documento paleográfico e resumi-lo. Sempre gostei muito de indexação, de bibliografia e referência. Era matéria que eu preferia na



Biblioteconomia. Mas não era Arquivologia. Isso era outra coisa... Um mistério até que a Arquivologia apareceu na minha vida.

Em 1971 foi fundada no Rio de Janeiro a Associação dos Arquivistas Brasileiros por um grupo de arquivistas do Rio de Janeiro liderado pelo Professor José Pedro Esposel. Essa associação, em 1972, promoveu o Primeiro Congresso Brasileiro de Arquivologia, naquela cidade. Eu fui representando o IEB e apresentei o Arquivo do IEB de forma geral. Aliás, quase todos os trabalhos eram de profissionais vindos da Biblioteconomia, da História, da Administração, do Direito descrevendo cada um o seu arquivo, o que continham e como eram organizados (ainda não havia cursos de Arquivologia e, em geral, pouco se sabia de teoria e métodos, campeando repetidas práticas, pouco se falando em teoria e métodos). E durante o congresso, uma arquivista da Fundação Getúlio Vargas e que já era uma arquivista famosa, a Marilena Paes [Marilena Leite Paes] ...

Neire: Eu acho que ela era presidente da Associação...

Heloísa: Não, ela foi presidente depois. Na ocasião, o presidente era o Professor José Pedro Esposel, historiador e arquivista do Banco Central e que estudara Arquivologia no único curso que havia então, de um ano junto ao Arquivo Nacional, ele foi depois fundador e professor do curso de Arquivologia da UFF. Aliás, devemos a ele o começo da luta pela criação dos cursos de Arquivologia, que viriam a ser criados alguns anos depois. Voltando à Marilena Paes, sim, como já disse, ela foi presidente da AAB, porém depois, mas no congresso ela, que já tinha um livro publicado, que era, então, o único "Arquivo. Teoria e Prática", deu, durante o aquele 1º congresso, um pequeno curso introdutório de Arquivologia que para mim, foi bastante esclarecedor demonstrando que se tratava de um universo muito mais amplo do que eu imaginava. Lembro que antes do livro da Marilena, havia um outro pequeno livro da Heloísa de Almeida Prado, "A técnica de arquivar", ela que era uma professora também de arquivo no Mackenzie para os cursos de secretariado, portanto, visando um universo diferente do que era o arquivo do IEB.



Neire: O livro da Marilena ensinava a organizar arquivos....

Heloísa: Sim, e a verdade é que aquele pequeno curso me despertou: Ah! Então, arquivo é isso! E muito mais.

Neire: Ela já apresentou Schellenberg, você se lembra?

Heloísa: Sim. Ela apresentou, disse que era básico, falou dos arquivos americanos... Mas como o curso ali era muito simples, era mesmo introdutório. Ela era arquivista de uma fundação, portanto apresentou o que era um arquivo institucional de uma entidade, que no caso era a Fundação Getúlio Vargas. O pequeno curso não visava aprofundar teorias nem haveria tempo para abarcar o universo dos arquivos públicos. Mas, para mim, aquele curso foi fundamental. Voltei para São Paulo e comecei a ler muito sobre o assunto, o Schellenberg e outros trabalhos da Marilena. Em 1974, o segundo congresso da AAB foi aqui, o professor Esposel foi o grande movimentador...Querida a "adesão" de São Paulo ao desenvolvimento da nossa área no Brasil. A gente o considera o fundador da arquivística moderna no país. Ele com esse grupo de fundadores da AAB, que incluía Marilena, Helena Corrêa Machado, Maria de Lourdes Costa e Sousa, Maria Luiza Dannemann, Astréa de Moraes e Castro, Nilza...

Neire: A Nilza... É a Nilza Teixeira?

Heloísa: Sim. Quanto à Nilza... Foi ótimo você ter mencionado porque Nilza Teixeira Soares é um fenômeno a parte. Foi ela a pessoa com quem eu mais aprendi realmente o que é a Arquivologia. E..., tendo tido grandes professores na Espanha, na França, nos Estados Unidos. Mas a Nilza foi muito mais clara e um dia fala assim, que arquivo é uma coisa muito simples, é uma acumulação de documentos, mas é uma acumulação estruturada. Ela foi a primeira pessoa que me falou isso claramente: estruturada e orgânica. Porque mesmo nos cursos as pessoas falavam muito, coisa que hoje em dia a



gente reconhece, mas de forma menos contundente e clara. E o professor argentino Manoel Vazquez, de Córdoba...

Neire: Isso que eu ia falar...

Heloísa: Pois é, ele sempre bateu nisso, nessa acumulação orgânica e estruturada. Não é um amontoado de documentos e não é por um plano universal que é organizado, como é a Biblioteca. Tem que ficar muito claro na cabeça do arquivista a decantada organicidade entre os documentos. Por isso é, que em arquivo, enquanto você não entende o que é a entidade produtora dos documentos, você é zero para organizar arquivo. É muito diferente da Biblioteconomia, onde, você pode ser principiante, inexperiente, mas se você conhece os instrumentos internacionais da classificação, você vai lá na biblioteca de hospital, de banco, de universidade, de empresa particular... Tudo...

Neire: Organiza qualquer biblioteca...

Heloísa: Você organiza. Agora, no arquivo, não. Enquanto você não estuda a entidade na qual... onde se produz o arquivo, é sério, você não vai saber classificar.

Então, voltando à Nilza, ela era arquivista da Câmara de Deputados, para os arquivos correntes e a Astréa de Moraes e Castro era do arquivo histórico. Já eram lá no Rio e assim continuou depois que a Câmara foi para Brasília, com todo o governo federal, em 1960.

Neire: A Astréa tinha uma irmã também?

Heloísa: Não sei, conheci uma filha dela...

Neire: Ah, filha!



Heloísa: Ela tinha a filha trabalhando com ela em Brasília. A menina era do Ministério de Planejamento, depois até escreveu um livro junto com a mãe. Mas a Nilza, eu digo que é um fenômeno a parte porque a Nilza daquele grupo todo, ela era a única que tinha estudado diretamente com o grande teórico da área, o T.R. Schellenberg. O nosso Arquivo Nacional tinha uma herança de orientação francesa na organização do acervo. Até que um de seus diretores teve a ideia de convidar o Schellenberg que veio ao Rio de Janeiro dar uma orientação técnica arquivística à aquela instituição. E depois ele escolheu as pessoas que iriam estagiar com ele, e a Nilza foi uma delas, juntamente com Manoel A. Wanderley, que quando regressaram foram os autores da tradução brasileira do Manual de Arquivos do mesmo Schellenberg.

Neire: Manoel Wanderley?

Heloísa: Sim, julgo que ele trabalhava no Arquivo Nacional. Então, veja, a Nilza... se o Schellenberg foi o papa da Arquivologia, a Nilza foi aluna dele, trabalhou com ele, aprendeu com ele....

Neire: Traduziu o livro dele.

Heloísa: Pois é. Então quando ela voltou aplicou tudo o que aprendeu. Mas, ela que tinha tido a formação em Biblioteconomia, sempre foi mais voltada para os arquivos correntes na Câmara, então o arquivo histórico ficou mais com a Astréia que era formada em Direito, mas tinha muita prática de arquivo em geral. A Nilza começou por estudar as rotinas burocráticas da Câmara por causa dos arquivos correntes. Mas a Nilza sempre é modesta, ela não fala, não admite, mas sempre foi uma teórica. Mas você lê aqueles trabalhos dela apresentados em congressos ou em palestras, aí ela mostra como é que se vai levantar rotinas para chegar à conclusão de quais são as funções da entidade e que cada função tem várias atividades e como estas provocam a produção dos documentos, não é? Então, a Nilza realmente... Mas a Nilza nesses congressos, por exemplo, nunca aceitava dar cursos. Nada disso. Ela sempre foi muito modesta...



Neire: Escreveu artigos em revistas...

Heloísa: Muito poucos. Eu a acho a pessoa das mais importantes da minha carreira. Quando, em Brasília, anos mais tarde, de 1991 a 1993, quando eu fui a primeira coordenadora e professora do curso de Arquivologia da UnB, eu conversava muito, arrancava tudo dela, assim... As coisas que ela sabe na teoria e na prática e vai, sem querer, nos dando magníficas aulas...

Mas, voltemos aos anos 70. Em 1977 tive conhecimento das bolsas de estudo que a OEA [Organização dos Estados Americanos] dava para candidatos que trabalhassem com arquivos em qualquer país da América Latina para fazer um curso de Especialização e Organização de Arquivo durante seis meses em Madri. Eu já tinha defendido o doutorado em dezembro de 1976 e candidatei-me pelo Arquivo o IEB, onde vinha desenvolvendo com as outras historiógrafas, Lucy Maffei Hutter e Arlinda Rocha Nogueira a descrição unitária de importantes manuscritos principalmente dos séculos dezoito e dezenove da Coleção Lamego.

E aí, na Espanha, definitivamente, minha mente se abriu para um conhecimento abrangente de arquivo porque era um curso completo como se fosse uma graduação. Eram oito ou nove disciplinas, tínhamos de apresentar trabalhos escritos, tivemos estágios de uma semana ou pouco mais, em período integral: um, de arquivo intermediário no Archivo General de la Administración em Alcalá de Henares, outros três estágios em arquivos históricos, o do Reino de Aragón em Valença, outro estágio no Archivo General de Índias (com documentação relativa às colônias na América) em Sevilla e outro estágio em um arquivo regional, em Orense na Galícia. As passagens ferroviárias e as estadas em hotéis, era tudo financiado pelo OEA.

Neire: Quem coordenava era a Vicenta Cortés?

Heloísa: Sim, Vicenta Cortés era a coordenadora do Curso. Grande arquivista, grande professora, completamente apaixonada pela profissão. Esse curso tinha começado a funcionar em 1962 e durou mais ou menos 20 anos, quase o mesmo tempo que durou o



nosso curso aqui da USP, que implantei baseado totalmente na grade curricular que tive em Madri e que persistiu até 2008 no IEB.

Neire: Tinha bolsa em Córdoba da OEA também, não é?

Heloísa: Sim, na Argentina, na Escuela de Archiveros em Córdoba havia o mesmo curso da OEA, dado por professores daquela tradicional Escuela e que também durou bastante, não sei precisar quantos anos.

Um as arquivistas do Arquivo Municipal de Rio Claro e também umas de Brasília, sei que fizeram curso de Córdoba, que, salvo erro, tinha a mesma duração do de Madri: cerca de 5 meses. Aquela menina de Rio Claro...

Neire: A Pagnocca?

Heloísa: Sim, a Ana Maria Penha Pagnocca fez o curso de Córdoba. Ela fez um bom trabalho naquele Arquivo Municipal de Rio Claro, dirigido pela Ana Maria de Almeida Camargo, aí pelos anos 1970-1980, arquivo esse que veio a ser um modelo para outros arquivos municipais... Mas, voltemos à minha trajetória. O Curso da OEA foi decisivo para minha "formação" e, na volta, meu "olhar" para os manuscritos do IEB era outro. Porém, pouco tempo depois tomei conhecimento de uma outra oportunidade de aperfeiçoamento do meu conhecimento arquivístico. Soube, em 1978 que o Arquivo Nacional da França oferecia a estrangeiros o chamado Stage Technique Internationale des Archives com duração de 3 meses, de janeiro a março, sem possibilidade de bolsa ou algum auxílio financeiro. Candidatei-me assim mesmo e, sendo aprovada, não consegui afastamento na USP, porque era muito ainda recente meu afastamento para Madri. Não tive dúvidas em pedir então minha licença prêmio de 3 meses, a que já tinha direito. Foi muito proveitoso. Não era um curso, tínhamos praticamente conferências por renomados profissionais e professores de 1, 2 ou 3 dias abrangendo todos os aspectos teóricos, metodológicos e práticos da Arquivologia. Muitas visitas com detalhadas explicações. Era um dia ou dois no máximo cada professor. E, no final, houve estágio de



uma semana em arquivos de Caen e Rouen, na Normandia. A estrutura do Stage era diferente do curso de Madri que tinha segunda, quarta e sexta uma disciplina, terça e quinta outra. Na outra semana igual. Como se fosse uma graduação apertada ali naqueles meses. Aliás, em 86 quando eu criei o curso de especialização na USP, foi baseado nesse de Madri. Só que aqui o professor vinha uma semana inteira.

Neire: Quem sediava o curso de Madri?

Heloísa: A Escuela Nacional de Documentalistas, que funcionava na Biblioteca Nacional. A Biblioteca Nacional ali na...

Neire: Gran Via?

Heloísa: Não... Não... É a... A Gran Via é a que sobe. É no Paseo de Recoletos, continuação do Paseo del Prado, onde está justamente o Museo del Prado.

Neire: Vocês tinham aula na Biblioteca Nacional?

Heloísa: No prédio da Biblioteca Nacional. Você sobe por aquelas escadarias, entra pela Biblioteca, e na parte detrás está a Escuela Nacional de Documentalistas.

Neire: E aí nesse período, de finais da década de 70, deu para você perceber se tinha diferença entre a escola espanhola e a escola francesa?

Heloísa: Nos dois países não havia graduação em arquivologia, ambos eram de especialização, para quem tivesse algum curso superior e que trabalhasse em arquivo. O da Espanha dava uma visão mais ampla Arquivologia como um todo. E na França, estava mais voltado para arquivos intermediários e históricos e havia menos preocupação teórica e mais talvez a de fazer-nos conhecer a sistemática francesa para seus arquivos.



Neire: Nesse período você já via nos professores a defesa da gestão de documentos?

Heloísa: Sim. Nos dois havia menção à gênese dos documentos e aos arquivos correntes, mas a maior parte do conteúdo das aulas era para os arquivos públicos e permanentes. Ambos tinham aulas de arquivo de empresa, mas não dava tempo assim de muita explicação, entretanto dava para a gente compreender que nos arquivos, o profissional devia conhecer profundamente o que aquela entidade faz, em que área ela é, se é comercial, se ela é...

Neire: Estatal...

Heloísa: Sim, e, tanto públicas como privadas, ela pode ser grande ou pequena, ... Pode ser até um pequeno consultório de dentista ou... outro tipo de entidade. Você pode organizar um arquivo de uma clínica médica, de um hospital ou de um banco. Mas a maioria dos alunos vinha dos arquivos públicos, dos nacionais de seus países ou dos arquivos regionais, departamentais, mas não arquivos correntes e sim estavam mais interessados na parte de arquivo histórico.

Em Paleografia, por exemplo... Em Madri, tínhamos uma professora muito boa dessa matéria. Mas o ensino da Paleografia, não só lá na Espanha, mas em geral, é o seguinte: começa-se pela origem da escrita na Antiguidade, Egito etc., depois as letras romanas e aí passa-se ao século IX que é o básico pra eles. Ai nós, alunos vindos de países da América Latina e, portanto, nossos documentos mais antigos são do século XVI. E é com eles e os dos anos que se seguem que devemos ler e transcrever documentos. Fomos falar com a professora e com a coordenadora que era a Vicenta Cortés.

Ameaçamos fazer greve. Queríamos aprender e treinar com documentos do século XVI para frente. A professora compreendeu e concentrou-se mais nos séculos XVIII e XIX.

Neire: Mas, aí comparando esses dois cursos...



Heloísa: Na Espanha haviam mais aulas no modelo tradicional e o outro era mais aulas-conferências, apresentando o cenário da França na Arquivologia, naquela época.

Neire: E o Michel Duchein era professor desse curso?

Heloísa: Sim, ele deu aula... Os professores eram todos arquivistas já consagrados na França e no exterior. Um deles era o Bruno Delmas, em cujas aulas entusiasmei-me mais ainda pela Diplomática...

Neire: Onde eram as aulas

Heloísa: Eram no prédio principal dos Archives Nationales, no bairro central e bem antigo do Marais. Falando em aulas, no sentido da estrutura didática, onde eu tive aula, aula mesmo, foi no National Archives em Washington. Depois te explico... Você não imagina o que é a didática nos Estados Unidos

Neire: Então depois da França você foi para os Estados Unidos, em seguida?

Heloísa: Mais tarde, em 1987. É um curso denominado Archive Institute que é dado no Arquivo Nacional durante um mês, o dia inteiro, com duas edições anuais, uma em janeiro e outra em julho, que foi a que eu fiz. A estrutura do curso e a das aulas são tão bem montadas que, um mês de aula vale quase que um curso universitário. Toda aula tinha sempre introdução, apresentação, teoria, exposição, avaliação. No fim da aula sempre tinha exercícios com documentos autênticos, seguidos de comentários sobre os nossos resultados. Tudo muito bem cronometrado.

No primeiro dia de aula a coordenadora distribuiu um papel onde deveríamos colocar o que cada um achava quais eram as virtudes do arquivista. Todos colocaram coisas como paciência, organização, calma, meticulosidade ... Aquele arquivista clássico do imaginário popular... Ela recolheu os papéis e não comentou nada. No último dia, ninguém mais lembrava daquele papel, ela disse: vocês lembram daquele papelzinho!?



Agora vocês vão escrever o que acham agora do verdadeiro arquivista. É claro que todos colocaram: dinâmico, batalhador, corajoso, empreendedor. Porque realmente, o curso nos mostrara uma nova imagem do profissional de arquivo. Não o que se desvaloriza diante dos analistas de sistema, técnicos da informação, dos bibliotecários, dos historiadores, dos comunicadores, etc.

Eu também tinha posto o arquivista tem de ser organizado sobretudo. Não. Tem de o ser, mas tem que saber valorizar a profissão e saber chegar aos seus superiores e dizer: eu sou arquivista, eu valho tanto quanto o bibliotecário e o cara da informática.

Naquele tempo se chamava analista de sistemas. O analista de sistemas, porque se não eles vão mandar em você. Ninguém sabe o que é arquivo, acha que arquivo qualquer um pode mandar.

Neire: Era para empoderar o papel do arquivista.

Heloísa: E ela teve essa paciência... Comparou as primeiras e as segundas respostas de cada um. Para ver se a pessoa não pôs as mesmas coisas, mas todos se convenceram da nova realidade e a palavra mais constante era o arquivista ser “dinâmico”.

Neire: E lá, as aulas tratavam das três idades?

Heloísa: Sim, embora a concentração fosse em arquivo permanente. Arquivo pessoal teve sua aula com a arquivista chefe do arquivo do Presidente Kennedy. Ela contou fatos interessantes que se passam nestes arquivos, quando as viúvas, os filhos, os amigos do titular que naturalmente já é falecido, querem pôr ou retirar material, querem palpitar na organização, etc. Isso se passa sempre, essas tentativas aconteceram também aqui no IEB, na UNICAMP... deve ter acontecido no CPDOC

Neire: Teve também aula prática com arquivo pessoal?



Heloísa: Sempre havia aula prática em torno do tema tratado teoricamente. No caso de classificação, foram-nos dadas caixas de documentos da Guerra do Vietnã e tínhamos de decifrar uns códigos numéricos imensos, cujas partes já tinham sido explicadas na aula teórica. Na aula de arquivo pessoal, na minha mesa (éramos 4 em cada mesa) sabe o que calhou, a vida de quem? Tio Patinhas. Era a vida do Tio Patinhas para gente fazer...

Neire: O personagem...

Heloísa: Sim. Montar o quadro de classificação. Eram documentos (fictícios, é claro) da vida dele e devíamos montar as séries... Foi muito engraçado e proveitoso. Ainda bem que eu também conhecia o Tio Patinhas (eu era a única estrangeira, a grande maioria era de funcionários de arquivos estaduais e alguns do governo federal em Washington).

Neire: Heloísa, você lá fazia arranjo igual ao que você ensinou para a gente?

Heloísa: Sim... Sim...

Neire: Então você passou pela Espanha, pela França e Estados Unidos....

Heloísa: Eu fiz esses três cursos, o de Madri em 1977, o de Paris em 1979 e o de Washington em 1987, mas sempre intercalando com as minhas atividades aqui na USP e em conferências, cursos e congressos pelo Brasil afora e em alguns países...

Neire: E quando você começou a escrever artigos; quando começou a produzir nessa área?

Heloísa: Meu primeiro artigo é em 1966, lá quando eu estava...

Neire: Mas já de arquivo?



Heloísa: O primeiro que eu fiz foi de Biblioteconomia, depois publiquei um de História Antiga (afirmei acima que foi nessa área a minha estreia no ensino superior na UNESP em Assis...). Meu primeiro artigo sobre arquivos é de 1978. Até aí publiquei uns 8 ou 9, mas eram de Biblioteconomia e de História. Em 1966, em Assis, a Prefeitura projetava abrir o seu Arquivo Municipal. Um jornal da cidade propôs-me escrever uma série denominada “Em ritmo de Biblioteca” para esclarecer a população sobre as características e a finalidade de uma Biblioteca Municipal.

Neire: E depois daquelas experiências no exterior, você continuou no IEB e daí logo em seguida veio o curso de especialização que você criou?

Heloísa: Ainda, sobre os artigos, o meu primeiro artigo sobre arquivos é de 1978, eu já havia regressado de Madri, já confiava nos meus conhecimentos teóricos sobre a área e, na prática, desde 1969 trabalhava com documentos no IEB.

Neire: E o curso de especialização?

Heloísa: O curso começou em 1986, primeiro conjuntamente com a ECA-USP, depois só o IEB, até 2008, quando terminou de funcionar. O histórico é o seguinte: Em 1983, o Professor José Sebastião Witter, do Departamento de História da USP, que naquela ocasião era Diretor do Arquivo do Estado, julgava que era o momento da USP criar o curso de graduação em Arquivologia (na época haviam três no país, criados na década de 1970, na Federal de Santa Maria, RS e na Federal Fluminense, Niterói, RJ e na UNIRIO, Rio de Janeiro) e pediu-me que eu montasse um projeto para tal. Uma estrutura de graduação. Minha ideia sempre foi a de que um curso de arquivologia deve funcionar numa Faculdade de Administração e não junto à Biblioteconomia ou à História. Demos entrada na Reitoria e o projeto, que solicitamos ser encaminhado à Faculdade de Economia e Administração (FEAUSP) continha as disciplinas básicas do currículo mínimo vigente na época para Arquivologia, entretanto com mais ênfase em Administração e em Direito, foi parar na ECA (Escola de Comunicações e Artes, onde estava o curso de



Biblioteconomia, pois esse foi o entender da congregação da FEA: arquivo tem a ver com biblioteca e mandou o projeto para a ECA e ali, o Departamento de Biblioteconomia respondeu que não teria condições de montar uma graduação, mas poderia patrocinar com o IEB, uma especialização. Assim, nasceu o Curso de Especialização em Organização de Arquivos em 1986, com cerca de 500 horas de duração, durante três meses, em período integral. Dois anos depois passou só para o IEB, contou com professores da USP e alguns de fora convidado entre os melhores profissionais das áreas específicas das diferentes disciplinas se durou como já disse, até 2008.

Neire: Manteve contato com o pessoal da Espanha?

Heloísa: Pra montar o curso? Pra montar o curso, colaboração direta, não, mas a estrutura foi baseada no Curso da OEA, além de algumas disciplinas inspiradas no currículo mínimo da graduação.

Neire: E a montagem dos cursos de Graduação?

Heloísa: Não adianta pegar graduação do exterior, quando há, o que é raro, é muito voltada para arquivo permanente, eu peguei inspiração do Brasil mesmo, no currículo mínimo de Arquivologia acrescentando as minhas próprias convicções a respeito de Administração e Direito, que depois acabei conseguindo quando a UnB, que em 1990 já estava começando a montar o curso de Arquivologia, me chamou para implantá-lo e coordená-lo. Eu já tinha tempo suficiente para a aposentadoria no serviço público no Estado de São Paulo e então, em dezembro de 1990 obtive a aposentadoria para ir para Brasília.

Neire: Você ainda queria que fosse o curso dentro da área da administração?



Heloísa: Dentro de administração, sim, porque essa que é a lógica de arquivo. Porque arquivo histórico é o resto da documentação que existiu para que existissem e funcionassem órgãos públicos, empresas privadas enfim, qualquer instituição

Neire: Voltando à São Paulo, a verdade é que na década de 1980 já tinha todo um movimento do Arquivo do Estado e de outros arquivos que precisavam de gente especializada para trabalhar, não é, Heloísa?

Heloísa: Então, o Curso, inicialmente da ECA e do IEB, atraiu logo muitos candidatos vindos de todo Brasil e até alguns estrangeiros. Sendo especialização, o candidato precisava ter curso superior e trabalhar em arquivos, de preferência.

Neire: Capacitou muita gente...

Heloísa: E sabe por que acabou? Bom, acabou um pouco porque as pessoas foram aposentando, quase já não havia professores que fossem do IEB e a USP só permite, nesses casos de cursos de especialização, uma pequena cota de profissionais de fora para darem aulas. Além disso, a USP mudou a estrutura dos cursos de especialização, não podia ser dado diariamente, como foi quando você o cursou. Nos anos finais as aulas eram às sextas e sábados e assim a duração era muito maior, e muitas instituições não davam os respectivos afastamentos.

Neire: os alunos vinham de tantos estados e até do exterior, não?

Heloísa: Por exemplo, da Colômbia, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul, do Acre...

Neire: Do Pará...

Heloísa: E de Angola...



Neire: Na verdade, as turmas tinham alunos do Brasil inteiro....

Heloísa: Do Brasil inteiro. Os estados que nunca mandaram são uns três ou quatro, Rondônia, Rio Grande do Norte e não sei o que. O resto...

Neire: Isto, em todos os anos?

Heloísa: Sim, e o curso durou 22 anos. Começou em 86 e acabou em 2008 com as defesas dos TCC, porque as últimas edições, já havia essa exigência da Reitoria para os cursos de especialização.

Neire: Foram nascendo os cursos de arquivologia, e você ajudou a criar vários, não é?

Heloísa: Sim.

Neire: E os arquivistas formados em Arquivologia acabaram se incomodando um pouco com essa questão de ter especialização, não é verdade?

Heloísa: Então, mas a verdade é que a especialização não prejudicava a graduação, pois ela não dava título de "arquivista", mas que do nosso curso saiu muita gente competente eu garanto porque tenho acompanhado a carreira de muitos deles, até hoje.

Neire: Voltando para a sua carreira...

Heloísa: Nesses anos do curso de especialização (1986-2008), no qual eu dava as aulas de Introdução à Arquivologia, Arquivo Permanente e também de Diplomática, eu ia continuando minhas outras atividades profissionais. Em 1989 dei aulas de Tipologia Documental no curso de formação de arquivistas na Universidade Clássica de Lisboa durante um semestre. Em 1990 aposentei-me do IEB, fui para a UnB até 1993, como já disse, mas vinha para dar as aulas no curso de especialização e seguia indo a congressos,



publicando artigos, dando os cursos avulsos e conferências em todo o Brasil e em alguns outros países. De 1994 a 1996 fui professora de Introdução à Arquivologia e de Diplomática do curso de Arquivologia da UNIRIO, Rio de Janeiro e em 1998 comecei meu trabalho no Projeto Resgate de Documentação Brasileira no Exterior dirigido pela bibliotecária da Biblioteca Nacional, Esther Bertoletti, que era um projeto do nosso então Ministério da Cultura juntamente com o Ministério das Relações Exteriores, bancado pelo CNPq e várias entidades estaduais, visando a identificar, descrever em catálogos a serem publicados e em microfilmar aqueles documentos e disponibiliza-los à pesquisa em vários países. A mim tocou-me atuar no principal e maior repositório dessa documentação em todo mundo que é o Arquivo Histórico Ultramarino em Lisboa. Trabalhei juntamente com equipes de arquivistas e historiadores brasileiros que se iam revezando vindas dos vários estados brasileiros. Eu fiquei 12 anos, permanecendo em Portugal, mais ou menos por lá quatro meses intercalados cada ano, até 2010.

Neire: Helô, e você já escreveu 200 artigos?

Heloísa: É por aí, contando entre artigos, resenhas, capítulos de coletâneas, livros e conferências ou comunicações a congressos.

Neire: Sabe o que eu queria que você falasse? Isso também vem um pouco das minhas lembranças. Você foi para Espanha, voltou em meados de 1977 e pouco depois, aqui no Brasil, mais precisamente em São Paulo, estava se delineando um movimento para construção do sistema de arquivos do Estado.

Heloísa: Sim.

Neire: Todo o movimento com o Professor Sebastião Witter na direção do Arquivo do Estado. Também os ex-diretores, o Francisco de Assis Barbosa e a Inês Etienne Romeu batalhavam por melhorias...



Heloísa: Sim, foi a época de instalação de comissões tanto na USP como no Estado para a criação de seus sistemas de arquivos.... Começamos pela USP, estávamos na Comissão Executiva, pela USP, a Ana Maria Camargo, a Johanna Smit, eu e pela FUNDAP, a Rosemarie Inojosa

Neire: Sim, mas antes é o SAESP, porque o decreto de instituição do SAESP é de 1984. E você integrou esse primeiro grupo...

Heloísa: Montaram a FUNDAP [Fundação para o Desenvolvimento Administrativo de São Paulo].

Neire: A FUNDAP apoiou esse movimento...

Heloísa: Sim, era órgão do governo estadual destinado à modernização ...

Neire: Com a participação da Inês, diretora do Arquivo do Estado na época, não?

Heloísa: Sim, sim.

Neire: E aí a gente tinha aqueles encontros de estudos...

Heloísa: Sim, chamavam-se Fórum de Arquivos....

Neire: Eram reuniões que aconteciam a noite, no antigo prédio do Arquivo do Estado...

Heloísa: Então, foi o primeiro... A gente sabe que na história da arquivologia em São Paulo foi o primeiro movimento mais visível....

Neire: Sim, foi o primeiro movimento em São Paulo...



Heloísa: É verdade... E estava a Daíse [Apparecida Oliveira] que acabava de voltar do mesmo curso de Arquivos da OEA em Madri que eu fizera...

Neire: Isso. E aí eu quero trazer a Daise para esse contexto e também a Ana Maria Camargo, que era diretora do Arquivo Municipal de Rio Claro.

Heloísa: Isso, ela já era diretora, ela já editava ali um Boletim que começou a divulgar questões teóricas e metodológicas sobre o tratamento arquivístico dos documentos...

Neire: Essas discussões nesses fóruns eram muito efervescentes, porque você trazia conceitos que vinham da Espanha e a Daise também. Vinha muita gente que trabalhava em arquivos, tinham prática, mas não a teoria e a gente ali, foi sempre aprendendo, nós vínhamos da Biblioteconomia ou da História.

Heloísa: Pois é.

Neire: Ana Maria vinha porque tinha muito interesse, por causa do arquivo de Rio Claro. E o que eu achava interessante é que vocês traziam os conceitos para essa mesa de discussão...

Heloísa: Era bem legal.

Neire: Juntava ali gente com diferentes experiências e eu já era sua estagiária lá no IEB.

Heloísa: É. E tinha aquelas meninas que ainda hoje estão no CEDEM [Centro de Documentação e Memória da UNESP]. E aquela que falava...

Neire: A Solange [Solange de Souza]

Heloísa: Sim, ela dizia que ia fazer arquivística tropicalista...



Neire: E toda a discussão de fundo... Discutia-se o que era fundo, mas o que eu acho que mais repercutiu no campo foi a definição de série.

Heloísa: Mas isso... Então, é discutido até hoje.

Neire: Mas eu me lembro que nós fomos fazer uma visita no Arquivo Nacional em [1987], acho que você não estava. Era o grupo do IEB e estávamos indo com a Daise. E lá no Arquivo Nacional, no prédio novo afixaram planos de classificação de alguns fundos do arquivo nas paredes de uma sala e a Daise parou, analisou e falou assim: isto não é série!

Heloísa: Sim, como ser Série: Imigração. Assunto em arquivo? Isso é coisa de biblioteca. Muitos arquivos ainda têm essa mania de por nome de assunto em série.

Neire: A sua chegada e da Daise com os conceitos que vieram da Espanha deram uma revolucionada na área...

Heloísa: Mas esses problemas são até hoje.

Neire: A criação do gênero foi sua né... Que até o Vanderlei [Batista dos Santos] escreveu um artigo.

Heloísa: Agora ainda continuam esses problemas conceituais: são, principalmente, relativos aos conceitos de espécie, de tipo, de forma e de formato. Há uma publicação da professora Antonia Heredia Herrera explicando muito bem ... Documento de arquivo tem a ver com a função que esse documento tem dentro do seu contexto de produção.... Portanto, esquece assunto como o guia para presidir a constituição de séries...

Neire: Eu queria que falasse também do Dicionário de Terminologia Arquivística que vocês publicaram...



Heloísa: O Dicionário... Outro dia vieram perguntar sobre a autoria. A primeira coisa para entender é que o esse dicionário é tradução para o português do dicionário do Conselho Internacional de Arquivos. Quer dizer, esse dicionário não foi inventado por nós. Em 1992, no 13º Congresso Internacional de Arquivo em Montreal, o CIA lançou oficialmente o dicionário do CIA, o Dicionário de Terminologia Arquivística, que já vinha sendo discutido e montado há anos. Então, a partir dali cada país se encarregaria da tradução e teria toda a liberdade de colocar adendos que são arquivísticos ou tirar palavras que, no seu país não tenham o mesmo significado. A Associação de Arquivistas de São Paulo montou um grupo coordenado pela Ana Maria de Almeida Camargo e eu e fizemos a tradução, acrescentando termos concernentes a arquivo corrente, termos de conservação e restauro, o que não havia no original do CIA que era em inglês e francês... Aliás, o Arquivo Nacional do Rio de Janeiro também publicou a sua tradução...

Neire: Então, vocês acrescentaram a parte gráfica e a da tecnologia da informação, não é?

Heloísa: Sim...

Neire: Voltando às suas atividades, você tem escrito ultimamente ou tem feito conferências?

Heloísa: Recentemente convidaram-me para uma conferência na Biblioteca Mindlin da USP, pedindo-me que fosse algo genérico porque neste tipo de colóquios que eles patrocinam vem um público muito variado. Assim, falei sobre “Os sentidos dos arquivos”, apresentando um Power Point. Já nessa outra ocasião recente em Belo Horizonte, como eram alunos de Arquivologia, pois se tratava do 15º Encontro Nacional de Estudantes eu falei também com Power Point sobre o Código de Ética dos Arquivistas.

Neire: Então, você mantém contato com alunos de Arquivologia?



Heloísa: Sim. Eles me chamam muito. Sabe por quê? Porque eles veem que eu gosto muito da profissão. E acho que é porque, muitas vezes, nem a família deles (e nem a sociedade em geral) entende muito bem o que é arquivo. Fala a verdade? O pai pergunta o porquê da escolha, o filho do vizinho é advogado, é jornalista, é médico e você vem querer ser arquivista... Para a maioria das pessoas arquivo é uma espécie de biblioteca, porque biblioteca todos entendem, mas, arquivo acham menos nobre....

Neire: Desse panorama atual, do panorama que você está vendo a arquivologia no Brasil, tem algum temor? Alguma coisa que precisava ser reforçada? Você também vê alguma coisa nova?

Heloísa: Eu não tenho esse temor que eu vejo em muitos profissionais de que a área vai desaparecer. É porque o mundo mudou muito, tudo mudou. Se a nossa área é uma área de apoio à administração, mas a administração mudou muito... Se a nossa área é um apoio aos estudos históricos, a historiografia também mudou. A historiografia tem outros interesses que muitas vezes nem estão nos arquivos. Sim, mas a Arquivologia também vai se atualizando em métodos e em práticas e novas perspectivas teóricas vão surgindo... Agora, aquela função do arquivo de preservar, de ser presunção de prova de tudo o que uma entidade fez desde que ela existe, essa função não vai acabar, mesmo que o suporte da informação sejam outros, a comunicação entre as pessoas seja outra. E a verdade é que toda entidade privada, todo órgão público, toda pessoa para sua vida ativa necessita desses testemunhos. É frequente que em algum momento da vida, alguém precisa provar alguma coisa. Se não é provar no sentido policial, jurídico da palavra, pode ter de demonstrar que aquilo aconteceu daquela maneira e não de outra... Então, quanto mais transformações no mundo, mais interessa saber como foi antes, porque essas transformações não nascem do nada. Então ao contrário do que muita gente pensa, não é uma profissão que vai desaparecer, ela vai cada vez mudar, vai se adaptar, mas eu acho que vai ser cada vez mais necessária para todos os tipos de entidade. Cada vez vai ser preciso sim, preservar informações passadas, porque elas servem para a vida presente.



Eu acho que o problema do emprego, o emprego assim no sentido clássico, está mudando para todas as profissões, não é? O mundo está todo em dificuldade por causa de adaptar-se a essas mudanças. As mudanças são mais rápidas do que a sociedade consegue acompanhar. A minha palavra é de muita esperança, não é de desânimo para com os colegas. Agora, é bom ter uma formação profunda na área propriamente dita, e claro, mas também quanto mais a pessoa se enriquecer com conhecimentos paralelos de áreas afins ou mesmo de outras áreas, ela fica assim mais preparada para poder colaborar de forma mais ampla do que uma pessoa que só quer trabalhar em alguns setores específicos da sua profissão. No nosso caso, há profissionais que só querem trabalhar em arquivo histórico, ou outro, só quer trabalhar em arquivo corrente, só quer fazer avaliação ou descrição. Na verdade, ele poderá fazer essas escolhas, se isso lhe for proposto. Ele sabe o básico da profissão, agora o que ele puder... Principalmente quando você é arquivista de uma área de Direito, melhor você ter conhecimentos também de Direito e assim por diante. Mas, não quer dizer que vai ter de fazer outro curso universitário, mas pode fazer uma preparação não muito profunda, mas ter conhecimento, conhecer o linguajar, o funcionamento daquela área. Eu acho que, olhando assim também a profissão nos outros países, ela tem uma pujança, tem o seu lugar nas estruturas dos países e nas várias sociedades. A minha palavra sempre de que não pode se acomodar, a pessoa tem que sempre acompanhar, estudar, se atualizar e principalmente não ter vergonha, não ter vergonha de dizer que, eu trabalho com arquivo. Mas você sabe o que é arquivo!? E aí explicar um pouco... Eu tenho muita esperança... É o que devemos ter...

Neire: Heloísa, para finalizar, qual você julga que foi - ou que tem sido - a sua maior contribuição para o desenvolvimento da Arquivologia no Brasil?

Heloísa: Eu acho que pude contribuir de alguma forma em duas áreas: na do ensino e na da teoria arquivística. Na primeira, ao montar a grade curricular, implantar e ser a primeira coordenadora de dois cursos que têm demonstrado sua importância nos bons resultados profissionais dos alunos deles egressos: o de especialização da USP (1986-



2008) e o de graduação UnB, que lá está desde 1991. Além disso dei as aulas, nestes dois cursos, de Introdução à Arquivologia e de Diplomática, que aliás também as lecionei na graduação da UNIRIO entre 1996 e 1998. Também dei inúmeros cursos de curta duração, de 40 ou 80 horas em quase todos os estados do país, assim como em Portugal, Argentina e Uruguai. Na segunda, a minha contribuição foi para os estudos teóricos da Arquivologia e relaciona-se com a Diplomática, tanto no ensino pioneiro desta disciplina, antes lecionada apenas como apêndice da Paleografia, como em conferências e em publicações.

Como palavra final eu queria dizer que todo o meu esforço - em sala de aula ou em meus escritos - tem sido o de fazer o arquivista entender que a sua preocupação com o documento não se inicia quando o documento chega a seu arquivo. Para identificá-lo, classificá-lo, avaliá-lo e descrevê-lo, o profissional tem de entender a origem e o percurso feito pelo documento desde o momento da sua produção, sua tramitação, sua vida ativa correspondendo a seus efeitos até o seu arquivamento. A Diplomática, que sabe como se realizar essa verdadeira anatomia feita no tipo documental e, conseqüentemente no documento em causa, por meio da identificação de seus elementos externos e internos, ela, a Diplomática acaba por demonstrar o quanto é a chave para o conhecimento arquivístico. Na medida em que o profissional, a partir das técnicas diplomáticas consegue entender a gênese do documento, seu contexto de produção e rastreia o seu elo arquivístico com seu produtor e com seus documentos congêneres, ele, arquivista, realmente consegue compreender o que é a sua profissão.



IMAGEM 3 - Heloísa Bellotto em sua residência, em São Paulo (SP)



LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International.

